

A “PAISAGEM CHINESA” EM FORTALEZA–CE, BRASIL

THE “CHINESE LANDSCAPE” IN FORTALEZA – CE, BRAZIL

Elidiane Silvia Ferreira¹[0000-0003-3488-6607]

¹Universidade Estadual do Ceará (PROPGEO/UECE)
elidianesf@hotmail.com

Resumo. Este resumo tem por objetivo fazer uma leitura etnogeográfica da paisagem a partir da imigração chinesa no Centro de Fortaleza, considerando os traços e elementos da cultura do grupo espacializados no lugar que os recebem. Salientamos que entre a imigração de asiáticos, os chineses estão entre os mais antigos no Brasil, mas com uma migração consolidada em Fortaleza apenas no século XXI. Ressaltamos que a maioria dos estudos realizados sobre dinâmicas migratórias são de natureza econômica, políticas e ambientais, e que este trabalho se justifica por trazer, sobre esta temática, uma abordagem pelo viés da Geografia Cultural, em que a proposta é pensar e refletir sobre as transformações na paisagem que indivíduos ou grupos realizam no lugar a partir de seu processo migratório.

Palavras-chave: Migração chinesa; Paisagem; Fortaleza.

Abstract. This abstract aim to provide an ethnogeographical reading of the landscape shaped by Chinese immigration in downtown Fortaleza, considering the traits and elements of the group’s culture as spatialized in the place that receives them. It is emphasized that, among Asian immigration flows, Chinese migrants are among the earliest in Brazil; however, their migration to Fortaleza became consolidated only in the 21st century. We also note that most studies on migratory dynamics focus on economic, political, and environmental aspects. This study is justified by offering a different perspective on the topic, grounded in Cultural Geography, with the purpose of analyzing and reflecting on the transformations of the landscape produced by individuals or groups in a given place as a result of their migratory process.

Keywords: Chinese migration; Landscape; Fortaleza.

1 Introdução

No cotidiano da cidade de Fortaleza, é habitual encontrar imigrantes asiáticos, particularmente os de origem chinesa, que, por meio de suas práticas socioespaciais, contribuem para a formação de uma paisagem cultural. Eles podem ser observados em vários lugares da cidade, com ênfase no bairro Centro, que apresenta uma camada de densidade simbólica, evidenciada por uma paisagem que se encontra associada a uma intensa atividade de comércio.

O Centro de Fortaleza é resultado do processo de urbanização e expansão da cidade, que ao longo de sua urbanização e crescimento, adquiriu novos ritmos e novos cenários. Atualmente, é neste bairro que se desenvolve uma grande parte do comércio popular da cidade e é para ele que se direcionam a maioria dos chineses que migraram para o estado, causando assim, uma maior aglutinação de lojas do grupo nesse lugar.

Com a chegada da imigração chinesa na capital a paisagem do Centro vem se transformando, a começar pela espacialização dos traços culturais do grupo, que ao estabelecer-se no país, os imprimem no lugar de acolhida.

Nosso propósito neste trabalho é fazer uma reflexão acerca da "paisagem chinesa" por meio da leitura etnogeográfica de traços espalhados pelas ruas do bairro Centro da capital cearense após a chegada da imigração chinesa no século XXI, que nos remetem à cultura do grupo.

2 Material e Métodos

A etnogeografia foi o método fundamental para a investigação deste fenômeno já que nos permitiu trabalhar com uma abordagem qualitativa obtida através da observação participante. Nós também utilizamos caderno de campo e equipamentos para registrar fotografias e imagens com o intuito de apresentar aos nossos leitores e a comunidade científica os traços da imigrantes chinesa na paisagem fortalezense.

Percorremos as principais ruas do bairro Centro, entramos nas lojas chinesas, fotografamos, observamos e etnogeografamos a paisagem constituída por suas marcas e traços culturais. Com base nos estudos de Cosgrove (2012), identificamos o Centro como um "local simbólico onde diversas culturas se cruzam e, possivelmente, entram em conflito", portanto, nós o elegemos como recorte espacial deste resumo.

Tomamos como esteio teórico o conceito de paisagem no qual, será a porta de entrada para revelar a existência desse grupo, que ao permanecer nos lugares e a partir de sua vivência, provoca transformações e impactos durante sua permanência.

Concomitante ao estudo entrelaçado de paisagem e cultura, Cosgrove (2012), reitera que ao geógrafo, é necessário compreender a linguagem nela empregada através dos símbolos e de seus significados, mesmo que eles não estejam tão aparentes.

A "paisagem chinesa" que se apresenta no Centro de Fortaleza precisa ser vista e compreendida, e por isso concordamos com Angrosino (2009), quando o autor afirma que o pesquisador precisa fazer uma imersão no mundo de seus sujeitos, pois é necessário entender o outro que vem de tão longe, mas que agora vive bem pertinho de nós e transforma a paisagem ao nosso redor.

Com o intuito de estabelecer um recorte espacial para o trabalho e entender a espacialização da imigração chinesa em Fortaleza, realizamos o levantamento de dados Secundários no Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), responsável por registros de estrangeiros e imigrantes no Brasil.

Para além do trabalho de campo e levantamento de dados secundários, fizemos a leitura de autores como Sayad (1998), Meinig (2002), Angrosino (2009), Chen e Santos (2010), Cosgrove e Claval (2012), Souza (2013), Peirano (2014), Ferreira (2016) e Corrêa (2018), ambos substanciaram este resumo.

3 Resultados e Discussão

Junto com outros imigrantes do século XXI, os chineses compõem um novo cenário de migrações atuais que engloba diversas formas de mobilidade, ocorrendo em um período caracterizado por conexões entre as mais variadas regiões do mundo.

Um caso particular deste fenômeno é a acelerada circulação de pessoas e símbolos culturais que resultam em mudanças na paisagem dos locais de destino do migrante e que podem ser percebidas através de sua espacialização no local da migração.

De acordo com Chen (2010), os chineses foram os mais antigos imigrantes do extremo oriente que vieram para o Brasil, tendo registros desde o ano de 1810, quando imigraram para o Rio de Janeiro a fim de realizar trabalhos agrícolas, com destaque para o cultivo de chá. No entanto, essa primeira migração não se perpetuou.

Ainda de acordo com o autor, no Brasil, a maior parte dos migrantes chineses é originária das províncias do litoral no sul da China, tais como Guangdong (Cantão), de Fujian e de Taiwan (Formosa).

No Brasil mais de 2 milhões de imigrantes foram registrados pelo (SISMIGRA), durante o período de janeiro de 2010 a abril de 2025. Dos mais de 2 milhões de imigrantes, 57.440 são de origem chinesa e vieram ao Brasil com a justificativa de realizar trabalhos, estudos, reuniões familiares, missões religiosas ou para investir no país. Esse grupo espacializou-se por todos os estados do Brasil, incluindo o Ceará, que também foi impactado por essa migração e tem como principal destino a sua capital.

Em Fortaleza os chineses se concentram nas ruas de maior fluxo comercial, como a rua 24 de Maio, General Sampaio, Senador Pompeu, Barão do Rio Branco, Major Facundo, Floriano Peixoto, Liberato Barroso e Guilherme Rocha (Ferreira, 2016).

Comprovamos empiricamente, ao percorrer as ruas do bairro Centro, que elas apresentam uma gama de traços simbólicos que nos remetem a cultura do povo chinês. Os traços da cultura chinesa se mostraram para nós por meio do processo de observação realizado dentro e fora das lojas, cujo proprietário é de origem chinesa.

Entre os traços que etnogeografamos estão: a presença de leques, bonecas e lanternas chinesas; a presença do dragão na placa das lojas ou nos cartões de visita, assim como a incorporação das cores vermelho e amarelo; o idioma (mandarim) falado ou utilizado em inscrições dentro das lojas chinesas ou em suas placas; além da própria presença enquanto sujeito migrante.

4 Conclusão

Os chineses chegaram a Fortaleza carregados de história e cultura, e ao se estabelecerem no bairro Centro para desenvolver suas práticas e atividades laborais, eles manifestaram na paisagem do lugar de acolhida, elementos e traços culturais que trouxeram consigo de sua terra natal e criaram um ambiente de diversidade. Nesse sentido, é possível observar na paisagem, interações culturais entre grupos com estilos de vida muito distintos, mas que, no entanto, se complementam.

Referências

1. ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.
2. CHEN, Miao Shen. Cultura e Educação dos Imigrantes Chineses na Cidade de Cascavel/PR: dois mundos, um mesmo objetivo. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da Educação Brasileira na Univ. Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus Cascavel, 2010.
3. CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2012. p. 245-276.
4. CORRÊA, Roberto Lobato. Caminhos paralelos e entrecruzado. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
5. COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. Tradução de Olívia B. Lima da Silva In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Beny (Orgs.). Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2012. p. 219-238.
6. FERREIRA, Elidiane Silvia. Migração internacional e economia urbana: os chineses no território cearense. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, 2016.
7. MEINIG, D. W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. Espaço e Cultura, UERJ, RJ. N. 13, p. 35- 46, Jan/Jun, 2002.
8. PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. Ponto Urbe [online], 2 | 2008, posto online no dia 06 agosto 2014, consultado 19 abril 2019.
9. SANTOS, Miriam de Oliveira. Os “novos estrangeiros”. In: FERREIRA, Ademir Pacelli; VAINER, Carlos; PÓVOA NETO, Helion; SANTOS, Miriam de Oliveira. (Org.). A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 207-208.
10. SAYAD, Abdelmalek. A imigração: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: editora EDUSP, 1998.
11. SOUZA, A.F.G. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and. PESSÔA, V.L.S., comps. Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 55-68.